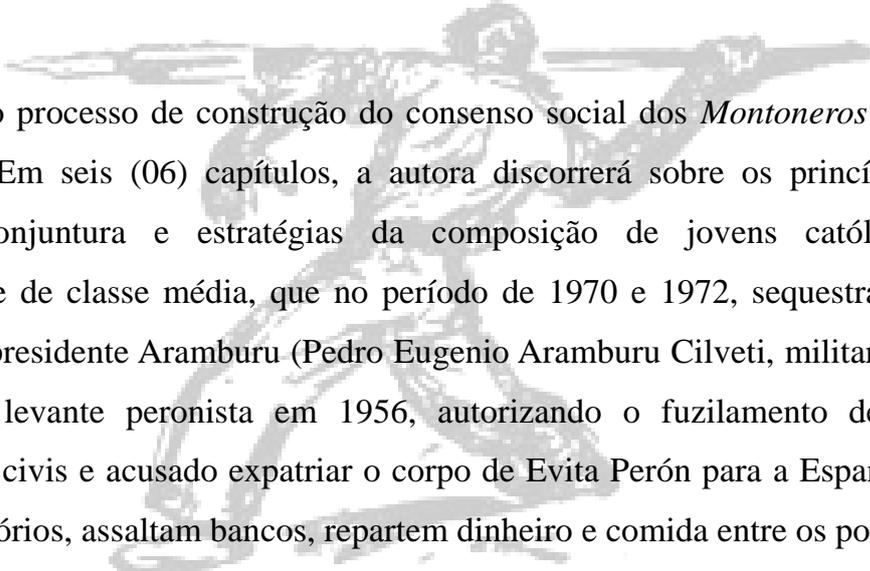


Veredas do trabalhador no poder

Carlos Salvador Jr
Graduando do Curso de História
Universidade Federal Fluminense/Campos

RESENHA:

ADAMINI, Marina. *Cuando la política es fuego*. El consenso Social de Montoneros entre 1970 y 1972. Madrid: Editorial Académica Española, 2011.



Trata-se do processo de construção do consenso social dos *Montoneros* pela luta armada. Em seis (06) capítulos, a autora discorrerá sobre os princípios, ideologias, conjuntura e estratégias da composição de jovens católicos, nacionalistas e de classe média, que no período de 1970 e 1972, sequestram e executam ex-presidente Aramburu (Pedro Eugenio Aramburu Cilveti, militar que reprimiu um levante peronista em 1956, autorizando o fuzilamento de 18 militares e 09 civis e acusado expatriar o corpo de Evita Perón para a Espanha), invadem territórios, assaltam bancos, repartem dinheiro e comida entre os pobres, são irrestritamente apoiados pelos sacerdotes integrantes do Movimento de Sacerdotes pelo Terceiro Mundo (MSTM), e baseiam-se no monopólio da violência, para combater a violência das forças repressoras, que segundo a ótica weberiana, caracteriza os Estados.

Inclusive a autora estabelece a relação do surgimento do grupo político-militar com a Guerra Fria, onde o mundo estava em disputa por dois modelos econômicos-políticos e social: Liberal Capitalismo x Economia Planificada.

Dentro desse contexto, a pressão sindical criava condições suficientes para os militares interromper o governo civil. O golpe militar se autodenominou

“Revolução Argentina”. Em meio desse “caldo eruptivo”, em finais da década de 60, que surgem os levantes populares protagonizados por estudantes e trabalhadores das principais cidades do País. Organizações Armadas surgem nessa época para “responder com mais violência a violência do Estado”, disputando assim o monopólio da força e transformando a realidade.

A “Revolução Argentina” proibiu basicamente tudo. Não somente na política, como nas Universidades, na cultura, no cotidiano (proibiu beijar nas ruas e as mulheres de usar minissaias), dissolveu associações estudantis e sindicais.

Em meio ao clima de opressão, começa a mostrar-se a única resposta política possível a criação de grupos militares (na língua portuguesa, esses grupos são denominados paramilitares), como **FAP** (Forças Armadas Peronistas); **FAR** (Forças Armadas Revolucionárias); **ERP** (Exército Revolucionário do Povo); e **Montoneros**. Todos os grupos, em 1969, estavam em treinamento para entrar em ação.

A radicalização se deveu mais por fatores sociais e políticos do que econômicos. Lutava-se pelo monopólio da violência como direito politicamente aceitável. Em um discurso, tomado pelos *Montoneros* como fundamento da luta, Perón perguntou retoricamente: “Que outro recurso resta ao povo, humilhado em seus direitos, senão responder violência com violência?”

Como consequência o discurso cristão se aproximou dos ideais socialistas dos *Montoneros*, influenciados pelos sacerdotes *tecermundistas* (MSTM). O Concílio Vaticano II condenou a pobreza, a injustiça e a exploração como resultado do afã humano de poder e riqueza.

Evangelizando segundo a palavra de Cristo, indignados com a opressão social, trabalhando junto com os pobres, esses grupos (sacerdotes *tercermundistas* e *montoneros*) se encontravam no peronismo.

O catolicismo e a radicalização entravam em consonância no “barril de pólvoras” denominado: América Latina.

Católicos militantes, nacionalistas, militantes de esquerda, peronistas combativos, todos se identificavam com as características *montoneras*, devido a expressão populista do socialismo e a riqueza de legitimidade histórica. Seguiam o catecismo gramsciano no que tange a construção do consenso social e desenvolvimento de ações e estratégias políticas para expressar suas ideias e aumentar a aprovação popular.

Todavia, dentro do movimento de vincular a postura de esquerda com setores socialmente importantes, existia espaço de repúdio. Os setores sindicais do peronismo sempre foram os antagonistas dos *Montoneros*, nunca o apoiaram.

O batismo público dos *Montoneros* ocorreu no dia 29 de maio de 1970, com o sequestro e execução do General Aramburu. O espírito romântico da ação e o viés de justiça, abarcam a ação que se distingue do terrorismo, pois a guerrilha praticada pelos *Montoneros* não generaliza o terror social, executando atos de violência indiscriminada. Eram ações voltadas para obter recursos econômicos e militares e desenvolver a propaganda armada. Propaganda essa criada para amedrontar o Governo, arrebanhar militantes e gerar condições subjetivas necessárias para estabelecer a “Verdadeira Revolução Argentina”.

A autora trabalhou com as fontes primárias no sentido de contextualizar e dar a conotação que cada veículo da imprensa divulgou. Percebe-se que a *vexata questu* estabeleceu-se também nas mídias escrita. Cada qual noticiava de acordo com as especificidades do corpo editorial. O *La Nacion* classificou em seus editoriais como “ato de ferocidade gratuita” e o *Clarín* pediu uma análise mais aprofundada para se descobrir as verdadeiras causas. O periódico *Cristianismo y Revolución* apoiava irrestritamente os *Montoneros*, afirmando que monstruosidade mesmo é 15% possuir mais bens que os 85% restantes. Era a justificativa para combater as injustiças sociais.

O *Clarín* realizou uma contextualização analítica em que repudiou a ação guerrilheira, veiculando a fala do Presidente Onganía e no mesmo exemplar,

também interpelava o Governo em suas responsabilidades políticas frente ao assunto.

Paradoxalmente, a morte dos primeiros guerrilheiros (após tomada da localidade *La Calera*, fuga, prisão de dois envolvidos e as nefastas delações), provocou a primeira manifestação pro-montoneros. A morte era a honra materializada na entrega absoluta.

Em quatro meses, os *Montoneros* alcançavam a notoriedade que almejavam, entretanto seus rostos estavam expostos e sua estrutura organizacional a ponto de ser aniquilada.

Para o *Clarín*, a descoberta da origem dos *Montoneros*, que descendem da burguesia provincial, foi uma surpresa. Esses guerrilheiros, comprovadamente, pertenciam a setores insuspeitos da sociedade de tal inclinação.

No ano de 1971, todos os integrantes eram conhecidos da opinião pública. O apoio e comoção da população pela causa era crescente. O general Perón, em pessoa, declarou apoio ao movimento, por meio de troca de missivas. Setores menos radicais do peronismo viam essa aproximação com prejudicial a uma negociação de saída eleitoral.

É bem verdade, que a autora enfatiza que os *Montoneros* nunca foram unanimidade. Sempre foram refutados, e quando apoiados, era com ressalvas. Partidos Políticos e setores do sindicalismo que “capitaneavam” a causa sem guerrilha. Mesmo assim, eram sucumbentes face a massiva aprovação popular, dinamizada pelo “Massacre no Aeroporto de Trelew”, onde novamente se utilizou do fator morte para arrebanhar mais e mais jovens revoltados com a opressão e a ditadura.

Nesse caso em especial, a fuga do Presídio de Rawson, foi planejada em conjunto com outros movimentos políticos militares, motivando ainda mais a busca pelo trabalhador no poder com base nos princípios peronistas.

Em 1972 as ações militares diminuem, muito devido ao retorno de Perón do exílio de 18 anos. O líder conseguiu temporariamente manter a unidade do movimento peronista com objetivo eleitoral do socialismo nacional.

Nesse liame, os *Montoneros* participaram ativamente da campanha eleitoral de Héctor Cámpora para Presidente, devido à impossibilidade de Perón se candidatar, pois deveria cumprir as cláusulas do acordo que permitiu o seu retorno do exílio.

Outros grupos políticos militares (ERP e FAL), não participavam ativamente da política em forma de presença nos comícios, pois entendiam ser uma estratégia de reformismo burguês.

Talvez, essa seria a opção mais acertada. Pois a política promove a união e a cisão simultânea e intermitentemente. Não existe campo mais fértil para a sazonalidade de ideais e princípio do que na política.

A comunhão entre *Montoneros* e Perón foi criada a distância, no exílio. O amor platônico não pode acontecer, senão perde essa característica. Os *Montoneros* construíram o Perón que queriam, recortando seus discursos e introjetando na almejada seara revolucionária.

Com a sua volta, o cipoal doutrinário que sempre uniu, começa a desaparecer, devido a uma maior cumplicidade, por parte de Perón, com setores mais conservadores e menos radicais do movimento peronista.

Contudo, como a autora asseverou no brilhante trabalho de conclusão de curso, todos esses acontecimentos fizeram parte do arcabouço de estratégias de legitimação social dos *Montoneros*, composta pelo uso mínimo de violência e seleção extremamente política dos seus objetivos e para não perder a simpatia e adesão da população argentina.